



isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO II • Nº 6 • 2000



AUTOS DA DEVASSA:

*A Longa Caminhada
Após o Sequestro*

PÁGINAS 4 E 5

editorial

AInconfidência Mineira continua como episódio histórico em aberto. Muito se tem escrito sobre ela, mas quase sempre para repetir o que tradicionalmente já se acostumou afirmar. Procede-se como se atendessemos a um ritual. Na verdade, trata-se do esforço realizado pela sociedade para sustentar a imagem idealista que ela construiu de si própria e que nos ajuda na condição de povo aplicado na construção do seu futuro. Ao lado do discurso político patriótico, já pouco audível pela falta de novidade, a criação literária de tempos em tempos comparece inspirada, buscando sustentar a chama. Tudo isso é relevante. Tudo contribui para a construção ideológica do País que precisa, para o seu revigoramento, consolidar uma linha de pensamento próprio.

Caberá ao trabalho dos pesquisadores - ao estudo de base científica verdadeira - ampliar o espectro das coisas já sabidas com as coisas que precisamos saber, a fim de que as nossas crenças venham a ser fortalecidas com o conhecimento da realidade. De um balanço sério que se faça, não há como deixar de reconhecer, em três momentos apenas a bibliografia sobre a Inconfidência representou contribuição efetiva. Ao ser lançada a *História da Conjuração Mineira*, de Joaquim Norberto Souza e Silva - apesar das críticas que a ela não podemos deixar de fazer surgir o primeiro levantamento global da conspiração; na comemoração do centenário da independência, o livro *A Inconfidência Mineira - Papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira*, de Lúcio José dos Santos, ofereceria uma visão mais detalhada e mais completa do que até ali não passava de esboço; em nossos dias, a tese do inglês residente nos Estados Unidos Kenneth Maxwell, *Devassa da Devassa*, desviando o foco de atenção para os arquivos da Receita Federal, acabou se apresentando como uma abordagem inovadora - de fato surpreendente - dos acontecimentos dos séculos XVIII em Minas Gerais.

A última edição dos *Autos de Devassa*, conhecida como "da Imprensa Oficial", trouxe a público considerável quantidade de documentos avulsos, a ponto de ampliar para 10 os 7 volumes anteriormente publicados. Além de revelar numerosas peças inéditas, esboçava uma tentativa de consolidação de fontes, na medida em que juntou o que se encontrava disperso, como os autos referentes aos réus eclesiásticos, divulgados em primeira mão no *Anuário do Museu da Inconfidência* pelo historiador português Ernesto Ennes. Agora, avançando na complementação desse trabalho patrocinado pela Câmara Federal, cuja meta preliminarmente estabelecida era a de divulgar o que houvesse de disponível em matéria de documentação e informação sobre a conjura de Vila Rica, o Museu da Inconfidência, com o mesmo propósito e dentro da mesma linha, está lançando o 11º volume dos *Autos de Devassa*. É um passo a mais que se dá no sentido de criar condições cada vez mais favoráveis para o estudo de um dos fatos centrais da história brasileira.

Capa:

TRAVES DA FORÇA EM QUE PENDEU TIRADENTES
Madeira e ferro • Século XVIII • Rio de Janeiro
3,17x4,20m

2

isto é inconfidência

ANO II • Nº 6 • 2000

é uma publicação do
MinC - IPHAN - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000
Ouro Preto • Minas Gerais
Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233
museuinc@ouropreto.feop.com.br

Tiragem:
1500 exemplares

Periodicidade:
Trimestral - out/nov/dez/2000

Projeto Gráfico
Lais Freire dos Reis

Editor
Rui Mourão

No cristianismo, a palavra espírito é antes de tudo a invocação do Espírito Santo, terceira pessoa da Trindade, presente desde a criação do mundo: "A terra estava informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito (em hebreu sopro) de Deus pairara sobre as águas (Gn. 1,2)".

O termo que designa espírito - no hebraico ruah, no grego pneuma, no latim spiritus - denota respiração e vento. Sugere sopro, brisa, presença a se expandir de modo irresistível.

A arte religiosa foi sempre de finalidade litúrgica e catequética. Ela criou imagens e sinais alusivos ao Espírito Santo e à ação d'Ele a partir das narrativas de teofanias da Antiga Aliança, geralmente relacionadas ao Novo Testamento.

Na simbologia do Espírito Santo, distinguem-se elementos básicos universais:

1) a água, símbolo da regeneração batismal, da nova vida no Espírito. Ela é fundamental na representação do sacramento que Jesus recebeu no Rio Jordão: "E, logo ao subir da água, Ele viu os céus se rasgando e o Espírito, como uma pomba, desceu até Ele, e uma voz veio do Céu: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo" (Mc. 1:10 - 11). No calvário, a água e o sangue a jorrar do peito do mártir simbolizam o dom do Espírito Santo transferido à Igreja nascente.

2) O fogo representa a energia transformante do Espírito Santo. É na forma de línguas de fogo que, na manhã de Pentecostes, Ele desce sobre Nossa Senhora e os apóstolos: "Quando chegou o dia de Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. Subitamente ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento (...). Viram então aparecer umas línguas à maneira de fogo, que se iam dividindo, e posou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo" (At. 2, 1-4; 4). Segundo Santo Agostinho, o "Espírito Santo foi enviado para que sua virtude consumasse a obra que o Salvador tinha adquirido e para que se acabasse de santificar o que o Salvador tinha atraído".

3) a luz, símbolo da manifestação gloriosa de Deus uno e trino. A ação

Simbologia do Divino

do Espírito nos que foram reconhecidos como santos tem sido figurada por meio de auréolas e resplendores luminosos e do ar em movimento.

O Espírito Santo ressuscitou na arte em formas dinâmicas e esvoaçantes, principalmente no período barroco. No primeiro Pentecostes, após a ressurreição, Jesus entrega o Espírito aos apóstolos, soprando sobre eles e dizendo "Recebei o Espírito Santo" (Jo. 20,22). Esses símbolos estão carregados de sentimentos e possibilidades analógicas com relação à vida, purificação e amor. A categoria diferente pertence a imagem da pomba, que sendo de mais fácil realização plástica, adquiriu maior relevância nas artes visuais. A pomba de Noé com o ramo de oliveira, pode ser associada ao batismo, cuja água, assim como a do dilúvio, lava os pecados dos homens, tornando-se símbolo da paz divina concedida, pelo batismo, à alma do batizado.

Festa

A Festa do Espírito Santo, ou do Divino, foi instituída em Portugal por D. Diniz (1279-1325) e pela rainha Isabel de Aragão (1270-1336) - que se tornaria Santa Isabel - de onde espalhou pelas colônias. Comemoração popular do ciclo da Ressurreição, ela tem como símbolo a bandeira vermelha com a pomba branca. É muito popular no Brasil ainda hoje, principalmente em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Goiás.

O imperador escolhido assiste aos ofícios divinos, vai à procissão e preside os festejos. Três momentos são essenciais: a coroação do imperador - um homem ou mesmo uma criança - pessoa geralmente de posse, que vai tornar a festa cada vez mais pomposa, com o objetivo de eclipsar o antecessor; a presidência dos festejos e a partilha dos alimentos, fraterna e caritativa.

A Folia do Divino, como também é chamada, começa quarenta dias antes do domingo do Espírito Santo. Empunhando uma espécie de ostensório com pomba branca esculpida, diariamente um grupo festivo, na rua ou pelas casas, se aproxima das pessoas para cantando colher donativos:

*O Divino entra contente
Nas casas mais pobrezinhas.
Toda esmola ele recebe
Frangos, perus e galinhas.
O Divino é muito rico
Tem brasões e tem riqueza,
Mas quer fazer sua festa,
Com a esmola da pobreza.
Dai esmola ao Divino
Com prazer e alegria,
Reparai que esta bandeira
É da vossa freguesia.*

Acompanhando a cadência de passos balanceados, o som era uniforme e monótono.

Antigamente, dessa festa pitoresca, alegre e opulenta, não saía o devoto sem a sua lembrança: a pomboinha do Divino e um pacote de guloseimas.

MARIA JOSÉ DE ASSUNÇÃO DA CUNHA
HISTORIADORA



Um documento fundamental do País - que é também dos mais volumosos que se conhecem - obrigado a conviver com a obscuridade para não comprometer a dinastia dos Bragança ocupante do trono com Pedro II, permaneceria anos a fio fora de circulação. Refiro-me ao processo dos réus da Inconfidência Mineira, que após o justicamento dos considerados culpados, terminou recolhido à Secretaria do Império. Acondicionado em fardos de lona, que eram referidos como "os sacos verdes", e votado àquele esquecimento de conveniência, passou a dormir sono continuado.

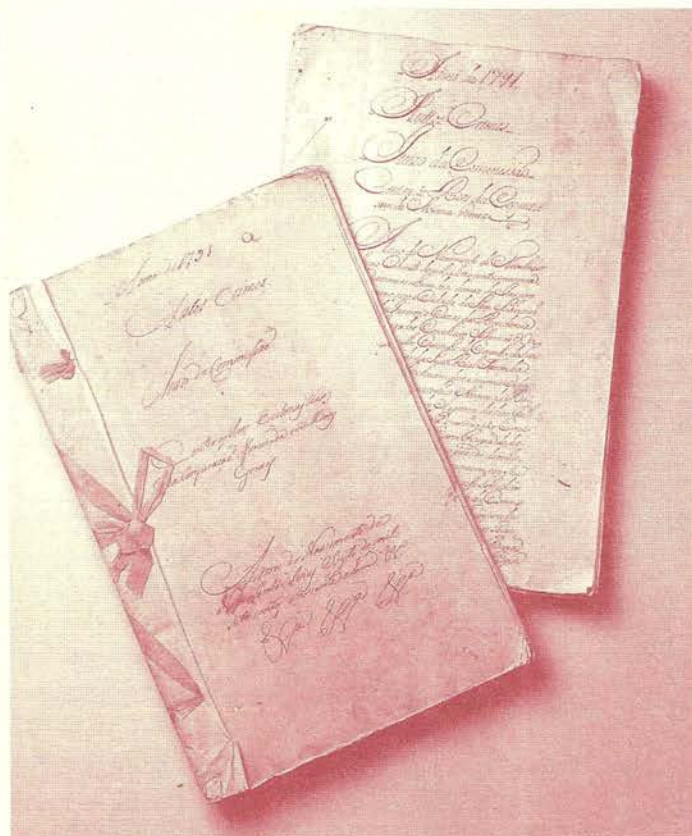
Parte expressiva dos papéis acabou destinada a esconderijo ainda mais secreto. Teve que seguir para a Metrópole, sendo recebida em discreto canto da biblioteca particular do Conde Galveas, político que possuía vínculos com a região, por haver ocupado aqui o cargo de governador da Capitania. A rainha D. Maria I,

Reis. Quase um século havia transcorrido depois dos sucessos de Vila Rica e o poder imperial, de prestígio em declínio, tornava possíveis tais, ousadas.

Melo Moraes não tomara aquela iniciativa em decorrência de grande inspiração original, nem agia sem contar com algum respaldo. Àquela altura, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, recém criado, já começava a se preocupar com a Inconfidência. Colhera o depoimento de dois sobreviventes do movimento que integravam o seu corpo social - José de Resende Costa (filho) e padre Manoel Rodrigues da Costa - e em seguida faria a divulgação, em sua revista, da correspondência trocada na França entre Thomas Jefferson, embaixador dos Estados Unidos, e José Joaquim da Maia e Barbalho, estudante brasileiro que desejou negociar ajuda americana para o projeto brasileiro de autonomia.

O Instituto Histórico, ao lado de Melo Moraes, logo acompanhado pelo filho, continuaram agindo com o

A Longa Caminhada Após o Seqüestro



católica convicta, tolerara com muito escrúpulo o julgamento dos padres e a última coisa que poderia permitir era deixar fora do seu controle, expostas à curiosidade pública, as peças processuais a eles referentes. A providência de requisitá-las para o outro lado do Atlântico constituiu um ato talvez de piedade cristã, talvez de autodefesa de uma consciência temente do castigo divino.

O Acordar

Os papéis da Inconfidência começaram a falar quando um pesquisador vocacionado, Alexandre José de Melo Moraes, cruzou o seu caminho. A 18 de dezembro de 1864, ele faria a publicação, em seu jornal *Brasil Histórico*, da carta-denúncia de Joaquim Silvério dos

intuito de levar ao público informações sobre a Inconfidência e dentro em pouco esse trabalho de divulgação tomaria vulto com o início da campanha republicana, que ergueria contra o Império a bandeira da conspiração de 1789.

Edição em Livro

O interesse da divulgação dos documentos da conspiração de Vila Rica acabou se tornando questão de Estado. Fortemente trabalhado pela tendência nacionalista da época - preocupação tanto das correntes liberais dos tenentes e artistas da Semana de Arte de 22 quanto da linha fascista do Integralismo - Getúlio Vargas, depois de ordenar o repatriamento dos restos dos

inconfidentes mortos em solo africano, decidiu complementar a providência com a publicação do conjunto dos Autos de Devassa.

O mineiro Gustavo Capanema, na retaguarda de tudo, agiu com absoluta presteza, de sorte que em 1936, quando a expedição chefiada pelo historiador Augusto de Lima Júnior aportava com as urnas funerárias no Rio de Janeiro, estava sendo providenciada junto à gráfica a edição completa do processo, que passou a ser chamada "da Biblioteca Nacional". Em 7 volumes, ela reunia 3.000 páginas.

Havendo ficado de fora as peças referentes aos réus eclesiásticos, além de muita documentação complementar, decorridas apenas três décadas começava a se evidenciar a necessidade da retomada da empreitada, para se chegar a resultado mais abrangente. O novo enfrentamento da questão, realizado na década de 70, levaria o nome de "edição da Imprensa Oficial", por ter sido rodada nas oficinas desse órgão do governo mineiro, com o patrocínio da Câmara Federal. Foram lançados então 10 compactos volumes.

Complementação da Complementação

A coleção produzida em Minas envolveu o trabalho de dois ilustres historiadores, Herculano Gomes Mathias - o responsável pela idéia da edição - e Tarquínio J. B. de Oliveira, designado revisor pelo governo do Estado, devido à conveniência de que os trabalhos fossem acompanhados por alguém residente no local. Os dois enriqueceram notavelmente os volumes com circunstanciadas notas eruditas, conferindo caráter mais científico ao resultado final.

Agora, Herculano Mathias, que havia concluído a tarefa depois do falecimento de Tarquínio em 1980, organizou mais um volume, o 11º, que o Museu da Inconfidência está publicando. É que o trabalho posterior de pesquisa lhe traria algumas revelações. Muitos documentos ficaram sem publicação e outros precisariam ser republicados, para serem corrigidos ou complementados.

É de se perguntar se, com esse volume a mais, fica a obra fechada em definitivo. Ainda não. Não foram incorporados os processos de seqüestro dos bens dos inconfidentes, que se encontram na posse do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e quem sabe mais alguma coisa ainda possa aparecer. Penso que à vista dos progressos alcançados pela ciência histórica no Brasil, e estando por aí a informatização como instrumento disponível, é chegada a hora de se começar a pensar em termos de arrojo verdadeiro, programando uma edição que desta vez seja totalizadora, consolidada e crítica.

RUI MOURÃO

Rodrigo José Ferreira Bretas, primeiro biógrafo de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, fez a transcrição do seguinte relato de Joana, nora do artista:

Antônio Francisco Lisboa era pardo-escuro, tinha voz forte, a fala arrebatada e o gênio agastado; a estatura era baixa, o corpo cheio e mal configurado, o rosto e a cabeça redondos, e esta volumosa, o cabelo preto e anelado, o da barba cerrado e basto, a testa larga, o nariz regular e um tanto pontiagudo, os beiços grossos, as orelhas grandes e o pescoço curto. Sabia ler e escrever, e não consta que tenha freqüentado alguma outra aula além das primeiras letras, embora alguém julgue provável que tivesse freqüentado a de Latim (...)

Passou a vida no exercício da sua arte, cuidado sempre em ter boa mesa e no gozo de perfeita saúde, tanto era visto muitas vezes tomando parte nas danças vulgares. De 1777 em diante, as moléstias, provindas talvez em grande parte de excessos venéreos começaram a atacá-lo fortemente... Por ter negligenciado a cura do mal no seu começo ou pela força invencível do mesmo, Antônio Francisco perdeu todos os dedos dos pés, do que resultou não poder mais andar senão de joelhos e os das mãos se atrofiaram e mesmo chegaram a cair, restando-lhe somente, e ainda assim quase sem movimento, os polegares e os índices.

Possuía um escravo africano de nome Maurício, que trabalhava como entalhador e o acompanhava por toda parte: era este que adaptava os ferros e os macetes às mãos imperfeitas do grande escultor, que desde este tempo ficou sendo geralmente conhecido pelo apelido de Aleijadinho. Tinha um certo aparelho de couro ou de madeira continuamente aplicado aos joelhos e neste estado admirava-se a coragem e agilidade com que ousava subir pelas mais altas escadas de carpinteiro.



José Ciríaco de Jesus, o santeiro *Ciríaco*, é ouropretano nascido em 1956. Com a extrema sensibilidade e tranquilidade que lhe são peculiares, iniciou a carreira na década de 70, antes de ingressar para o quadro de funcionários do Museu da Inconfidência. Passados 22 anos, *Ciríaco* continua exercendo as suas atividades, tanto no Museu, como membro da equipe do Laboratório de Conservação e Restauração, como na vida artística, agora em nova fase de criação.

O artesão começou utilizando a pedra-sabão, comprada em Santa Rita, a 30km de Ouro Preto e adotou, como temática básica a figura humana. Confeccionava escravos, santos e santas. As figuras iam surgindo da visualização da própria pedra, a forma no primeiro momento aparecendo sob os cortes da machadinha. Daí partia para a definição dos traços, a poder do formão. O acabamento contava com a ponta do canivete "mágico" de *Ciríaco*. Em seguida passou a usar troncos de cedro, de cor avermelhada. Eram feitos santos e santas, por encomendas de devotos e amantes da arte. A preferência de *Ciríaco* são as linhas masculinas, havendo "perdido a conta dos São Francisco, Santo Antônio e São José que já fez na vida". Fez também inúmeras Nossa Senhora da Conceição, que é muito solicitada. *Ciríaco* utiliza madeiras nobres e extintas, o pinho-de-riga, a braúna, o jacarandá e o pau-marfim, reaproveitando restos de reformas de casas antigas. Pela manufatura de dois São Franciscos, um cliente ofereceu em troca uma prancha de pinho-de-riga de 1,90m de altura. Retirou a parte danificada da madeira e atendeu encomenda de outras dez peças. Caso semelhante aconteceu com os membros de uma família de Caeté, que desejavam um São Benedito e uma Santa Efigênia esculpidos em braúna da casa onde nasceram. Este tipo de pedido é comum. Os clientes gostam de ter uma recordação da sua casa. Da casa em que nasceram, "guardada" na representação da escultura.

Ainda com relação à matéria prima, especificamente o pinho-de-riga e a braúna, *Ciríaco* faz suas obras aproveitando a peça no seu todo, não usando nenhum tipo de encaixe ou colagem para as partes do corpo das figuras, por considerar que "a fibra da madeira se apresenta de forma bem característica". A obra feita por partes prejudica a beleza da madeira natural. Por este motivo, às vezes, o artesão opta por deixar suas esculturas inacabadas, permitindo que o conjunto possa ser melhor admirado.

Da idéia à obra final

Apesar das encomendas já serem em sua maioria determinadas pelos clientes - "Quero uma Imaculada Conceição", "Quero um São José de Botas" - *Ciríaco* gosta



A técnica da escultura na visão do artesão Ciríaco

mesmo é de criar e a idéia da obra ainda embrionária que vem da observação do bloco de madeira que cai em suas mãos. Não costuma fazer desenho no papel. A obra nasce do formato da madeira e de suas fibras e vai se ampliando, sob a força da machadinha. O canivete tira o excesso das marcas do machado e o corte já dá certo tipo de polimento, sobretudo na madeira antiga e nobre. Utiliza no acabamento apenas a lixa, para tirar as marcas das ferramentas, e aplica cera comum para reforçar o polimento, também devido à secura das madeiras que escolhe.

Assim nasce, de forma intensa e ao mesmo tempo branda, mais uma peça do artesão, enriquecida com a sua sensibilidade, mais nobre ainda do que a matéria-prima escolhida.

Paixão pelo Divino Espírito Santo

Ciríaco tem interesse especial em representar o Divino Espírito Santo por meio de suas "pombinhas".

No caso, a inspiração veio das pombas que enfeitam os telhados das casas de Ouro Preto, confeccionadas de telha e pintadas a cal e pó-xadrez vermelho. São os casos únicos em que ele utiliza o desenho no papel para poder representá-las na madeira.

Há mais de dez anos *Ciríaco* faz divinos de diferentes modelos. Em formato de mastro, de relicário, a pomba apresentada sozinha ou com resplendor. A policromia envolve tinta branca, pó-xadrez em tom vermelho escuro e amarelo, este último simbolizando o brilho do sol, com variações de tons que obtém com a mistura das cores.

Recentemente os "divinos" de *Ciríaco* foram tema de estudo para uma futura exposição em Paraty, no Rio de Janeiro, tendo em vista que a cidade litorânea é das poucas do Brasil que ainda realizam a tradicional "Festa do Divino", por ocasião das cerimônias católicas de Pentecostes.

Membro da Associação de Artistas Plásticos de Ouro Preto desde a década de 80, *Ciríaco* pôde levar suas exposições à Casa dos Contos (Ouro Preto), ao Palácio das Artes (Belo Horizonte), a Mariana, a Juiz de Fora, à Casa da Suíça (Rio de Janeiro), entre outros lugares.

Atualmente *Ciríaco* pretende representar figuras humanas de influência afro, acentuando traços típicos, iniciando nova fase em sua carreira. Simultaneamente, continuará enriquecendo com sua experiência os trabalhos de conservação e restauração desenvolvidos pelo Museu da Inconfidência.

Fiquei muito satisfeita ao ver que o meu artigo de 1989, da Revista do Departamento de História da UFMG, foi de utilidade para as autoras do texto *Bandeirantes aos Modernistas*, aliás escrito com muita profundidade e riqueza de informação. Cumprimento-o ainda pela reformulação no Museu. Além do bom gosto da apresentação gráfica da revista.

LÍVIA ROMANELLI D'ASSUMPCÃO
ARQUITETA RESTAURADORA

Parabéns pela Revista.

LÉLIA DUARTE
PROFESSORA DE LETRAS

Acusamos o recebimento do *Boletim Informativo* do Museu da Inconfidência e agradecemos.

CAP. PM JOÃO LUNARDI
ASSESSOR ADJUNTO DO CERIMONIAL DO GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Agradecemos o exemplar da publicação *Oficina da Inconfidência*, que enriquecerá o nosso acervo.

MARIZA REZENDE AFONSO
SECRETÁRIA MUNICIPAL DE CULTURA DE BELO HORIZONTE

Em nome da comunidade da Escola Guignard e no meu nome agradeço a gentileza do envio de *Oficina da Inconfidência - Revista de Trabalho*.

SARA ÁVILA DE OLIVEIRA
DIRETORA DA ESCOLA GUIGNARD, UEMG

Obrigada por *Oficina da Inconfidência*, com boas notícias sobre o Museu. Parabéns aos seus colaboradores e às excelentes historiadoras. Foi bom matar as saudades de Ouro Preto, do melhor de Ouro Preto.

VERA PINHEIRO
EX-PRESIDENTE DA FAOP

Tenho o prazer de transmitir-lhe os meus agradecimentos pela gentileza da remessa da *Oficina da Inconfidência - Revista de Trabalho*, cumprimentando-o pela realização.

MURILIO DE AVELLAR HINGEL
SECRETÁRIO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS

Agradeço o envio de *Isto é Inconfidência e Oficina da Inconfidência - Revista de Trabalho*.

PEDRO TADDEI NETO
COORDENADOR NACIONAL DO MONUMENTA BID

Agradeço o exemplar de *Oficina da Inconfidência - Revista de Trabalho*. Feita uma viagem pelas suas páginas, parando no Projeto de Reformulação da Exposição Permanente do Museu da Inconfidência, vi que seu trabalho e da sua equipe tem o propósito de fazer, no velho *Inconfidência*, uma profunda modernização que certamente o colocará entre os grandes museus do mundo.

AFONSO HELIODORO

Cumprimento V. Sa. pelo lançamento da *Oficina da Inconfidência - Revista de Trabalho*, novo veículo, da maior importância para a produção cultural, que passa por período de entressafra em nosso País.

ADAIR EVANGELISTA MARQUES
DIRETOR EXECUTIVO DO SINDIJOÍAS GEMAS/LTDA

A Diretoria de Assuntos Culturais agradece o *Isto é Inconfidência* ano II, nº 4, 2000 e coloca-se à disposição para futuros contatos.

2º TENENTE GLÁUCIA MOURA
CHEFE DA DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA DEFESA

Agradeço *Oficina da Inconfidência - Revista de Trabalho*, que muito contribuirá para o enriquecimento da nossa Biblioteca.

JOSÉ SIMÕES DE BELMONT PESSOA
SUPERINTENDENTE REGIONAL DA 6ª SRIPHAN

Recebi a bela revista de trabalho. Bonita, bem editada, artigos bem pensados. Você(s) estão de parabéns, de novo.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA
ESCRITOR

A Biblioteca Noronha Santos agradece o número 0 de *Oficina da Inconfidência* e parabeniza a iniciativa.

MONICA SIMON LEIVAS MILANI
RESPONSÁVEL PELA BNS

Meus agradecimentos por *Oficina da Inconfidência*. A apresentação deixa claro o sentido desta nova publicação. Seu projeto gráfico tem a qualidade do bem concebido e realizado. Parabéns e sucesso na grande empreitada da reformulação.

PAULO ROGÉRIO LAGE

Venho agradecer a publicação produzida pelo Museu, parabenizando-o pelo seu esforço e de sua equipe.

MARCELO BRITO
EX-SUPERINTENDENTE REGIONAL DA 1ª SRIPHAN

Com muita satisfação recebemos o *Oficina da Inconfidência*. Congratulamos com o Museu da Inconfidência por esta publicação de alta qualidade, que de saída se torna referência para os pesquisadores interessados na história de Minas Gerais e nas questões ligadas ao patrimônio cultural brasileiro. Votos de absoluto sucesso.

PROFA. THAÍS NÍVEA DE LIMA E FONSECA
COORDENADORA DO LABORATÓRIO E ARQUIVO DE MEMÓRIA HISTÓRIA, UNICENTRO NEWTON PAIVA

Parabenizo V. Sa. por *Oficina da Inconfidência - Revista de Trabalho*.

PROF. DR. LUIZ CARLOS VILLALTA
DIRETOR PRÓ-TEMPORE DO ICHS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Recebi, com muito agrado, o excelente *Isto é Inconfidência* nº 5. É como ter Ouro Preto ao alcance da mão. Gratíssimo por mais esta gentileza e parabéns a toda equipe.

SÉRGIO AMARAL SILVA
PESQUISADOR DA INCONFIDÊNCIA - SÃO PAULO

Estou encantada com a leitura de *Isto é Inconfidência*. Poucos já escreveram sobre a vida de Alberto da Veiga Guignard - seu gênio, sua escola - de maneira tão bonita, tão nobre e verdadeira como você fez! O mistério permanece através dos tempos, atraindo o coração e a mente dos que não viram e tentam entender. Não seria assim? Mas você sabe de tudo muito bem, tocado pela graça e pela verdade.

SOLANGE BOTELHO
ARTISTA PLÁSTICA

Acusamos o recebimento de *Isto é Inconfidência*, Ano II, nº 5, que gostaríamos de continuar recebendo. Eles passarão a fazer parte do acervo da nossa biblioteca.

MARINO ZIGGIATTI
ENG. E PRES. DO CENTRO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES - CAMPINAS

Recebi *Oficina da Inconfidência - Revista de Trabalho* e *Isto é Inconfidência*. Parabéns pelo lançamento. Grato.

JACK SIQUEIRA
JORNALISTA E PROFESSOR DE SOCIOLOGIA

AGENDA

Auditório

PRIMEIRA MOSTRA DE VÍDEO DE OURO PRETO
ITACURUMI

De 5 a 10 de dezembro, às 19:30h, Auditório, Anexo I

Exibição, seleção e premiação de vídeos de curta-metragem produzidos por pessoas da comunidade ouropretana, nas categorias: documentário, ficção, reportagem, comercial, videoarte e vídeos de um minuto.

O objetivo da mostra é o registro do dia a dia ouropretano, para a história da cidade.

Realização em parceria: MinC/IPHAN/Museu da Inconfidência e Coordenadoria de Comunicação da UFOP

Sala Manoel da Costa Athaide

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA "DIVINO" - 24/11 A 07/01

Exposição da coleção particular de Eduardo Kahowec e Zahle Penna, de caráter popular; sobretudo do século XIX, oratórios e objetos da Festa do Divino, que ocorre em junho em locais como Diamantina, Lavras Novas, Parati e Alcântara.

PROGRAMAÇÃO PARALELA:

DEZEMBRO - DIAS 13, 14 E 15, ÀS 14H

Exibição de vídeos sobre a Festa do Divino e visita à exposição

DIA 16, A PARTIR DE 14H

Exibição de vídeos, palestra, visita à exposição e apresentação de corais.

JANEIRO - DIAS 4 E 5, ÀS 14H

Exibição de vídeos sobre a Festa do Divino e visitas à exposição

DIA 6, A PARTIR DE 14H.

Exibição de vídeos sobre a Festa do Divino, visita à exposição e apresentação da Folia de Reis.

DIA 7, A PARTIR DE 14H - ENCERRAMENTO.

Apresentação de danças folclóricas, exibição de vídeos, palestras, visita à exposição e coquetel.

JANEIRO A MARÇO DE 2001

Exposição Temporária Ver o Som
Exposição de instrumentos musicais

Aleijadinho, o filme

Com a presença do governador Itamar Franco, teve lugar na Sala Humberto Mauro, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, no dia 21 de novembro, a pré-estréia do filme *O Aleijadinho*, de Geraldo Santos Pereira. Rodado quase na sua totalidade em Ouro Preto, a famosa cena de encomenda da escultura do São Jorge feita pelo governador Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, aconteceu na Sala Ataíde do Museu da Inconfidência que, para ser transformada no gabinete da autoridade, recebeu acervo de outros setores.

O filme contou com roteiro de Renato Santos Pereira, irmão gêmeo de Geraldo, que se encarregaria também da direção se não houvesse falecido poucos meses antes da filmagem. Foi grande a emoção ao ser o mesmo nominado, inclusive para chamar a atenção para a dedicatória da obra, que lhe coube.

Curt Lange

Ana Carolina Fleury, escrevendo no *Boletim* da Universidade Federal de Minas Gerais, disse que o acervo legado pelo musicólogo Francisco Curt Lange "ainda não foi suficientemente dimensionado" e "carece de sistematização". O Núcleo Curt Lange, criado pelo Coral Ars Nova, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão, coordenado pela profes-

sora Ana Maria Lanna, cuidaria de resolver o problema.

É bom que se esclareça, os achados de Curt Lange não estão dispersos, em absoluto. A coleção de partituras por ele formada, levada para o exterior como medida de salvação, porque não via por aqui interesse real em preservá-la, acabou sendo comprada pelo Museu da Inconfidência. A totalidade do acervo de encontra-se em nossa repartição, perfeitamente dimensionado e sistematizado. Estamos em via da publicação do 3º volume do catálogo e prosseguem os trabalhos de transcrição, que tem sido divulgados através da coleção *Música do Brasil Colonial*, lançada em co-edição com a EDUSP.

Novo Prédio

O Museu da Inconfidência pretende transferir da Casa de Câmara e Cadeia o gabinete do diretor e a sala da Secretaria, para permitir que a exposição permanente possa ocupar a totalidade do edifício. Para isso está sendo estudada a reconstrução integral do Anexo II, que passaria a contar com dois andares.

O projeto básico, de autoria do arquiteto Glauco Campello, ex-presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional já ficou pronto e está sendo estudado pelo órgão do qual depende a sua aprovação. A construção, que pretende ser a mais discreta possível,

ficará praticamente oculta atrás do muro de pedra existente e o acesso ao espaço deverá ser pelo jardim do Anexo I.

Letícia

O comando da Associação dos Amigos do Museu da Inconfidência acaba de receber reforço significativo. Letícia Nelson de Sena ingressou na entidade. Cheia de planos, já participou da última reunião promovida pela presidente Anna Amélia Faria. Letícia tornou-se respeitada e muito conhecida nos meios culturais mineiros por uma atuação de oito anos como presidente da Sociedade Amigas da Cultura.

Logotipo

A exemplo do que fez na Bahia, a Petrobrás Distribuidora está programando um posto temático para Ouro Preto. Com o nome de Posto Berimbau *Inconfidência Mineira*, ele nascerá da completa transformação da unidade atualmente existente à Rua Padre Rolim, na saída para Belo Horizonte.

O projeto, realizado dentro das especificações do IPHAN, representará grande contribuição para a cidade, que vai contar com serviço de padrão melhorado e terá construções mais condizentes com o seu perfil urbano.

O logotipo criado para sustentar a nova imagem do posto usa a fachada do Museu da Inconfidência.

PUBLICAÇÕES

- CD *Música do Brasil Colonial* - R\$ 15,00;
- *Oficina do Inconfidência - Revista de Trabalho* - R\$ 10,00;
- *Música do Brasil Colonial* - R\$ 20,00;
- Camiseta (da exposição temporária Divino) - R\$ 15,00;
- *O Alemão que Descobriu a América* - ensaio sobre as descobertas de Curt Lange - de Rui Mourão - R\$ 10,00;
- Vídeo sobre o Museu da Inconfidência - R\$ 15,00
- Cartões Postais (imagens de Ouro Preto no séc. XIX) - R\$ 3,00;
- Cartões Postais (imagens do acervo do Museu da Inconfidência) - R\$ 3,00;
- *Museu da Inconfidência* - edição do Banco Safra - R\$ 80,00;
- *Museu da Inconfidência* - edição MinC/IPHAN, Museu da Inconfidência - R\$ 30,00;
- *Guia do Arquivo Histórico* - R\$ 4,00;
- *Boca de Chafariz* - romance de Rui Mourão - R\$ 16,00;
- *Os Olhos do Maré* - de Bete Salgado - R\$ 8,00;
- *Anuário do Museu da Inconfidência* nos V, VI, VII, VIII - R\$ 3,00 (cada exemplar);
- *Anuário do Museu da Inconfidência* nº 9 - R\$ 6,00;
- *A Nova Realidade do Museu* - ensaio de Rui Mourão - R\$ 5,00;
- *Servidão em Família*, romance de Rui Mourão - R\$ 19,00;

Pedidos de reembolso postal pelos telefones
(31) 3551-5233 e 3551-1121